

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES  
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS**

**PENSANDO DENTRO DA CAIXA:**

**Suportes reaproveitados e suas possibilidades artístico-educativas**

Agatha Schardong Taylor

**BANCA EXAMINADORA:**

Prof. Dra. Adriane Hernandez (orientadora)

Prof. Dr. João Carlos Machado

Prof. Dra. Laura Castilhos

Porto Alegre, abril de 2023.

**Agatha Schardong Taylor**

**PENSANDO DENTRO DA CAIXA:**

**Suportes reaproveitados e suas possibilidades artístico-educativas**

Trabalho de Conclusão do Curso de Artes Visuais – Licenciatura do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adriane Hernandez.

**Porto Alegre**

**2023**

## AGRADECIMENTOS – OU UMA CRÔNICA DE MUITOS INFORTÚNIOS

Se este Trabalho de Conclusão de Curso hoje está aqui, existindo em forma digital (e talvez, também física), isso significa que eu não desisti.

Desde meu ingresso na Licenciatura em Artes Visuais, pela modalidade de Ingresso de Diplomado, em 2017, uma pá de coisas se sucedeu. A primeira delas foi o aumento da carga horária das licenciaturas no Brasil, o que fez com que minha ideia de concluir a licenciatura em “alguns poucos anos” se estendesse por longos sete anos.

Quando eu já tinha adiantado a maioria das cadeiras necessárias, sempre conciliando a faculdade com meu emprego – ora como bolsista, ora como concursada e cumprindo uma jornada 12x36 noturna -, e havia concluído meu primeiro estágio, no Ensino Fundamental, empolgada (e matriculada) pra dar seguimento com o Ensino Médio, a notícia veio de fora do país: o coronavírus começava a se espalhar pelo mundo. Junto com ele, vieram uma série de incertezas. A cadeira de Estágio III, no Ensino Médio, foi cancelada naquele longínquo primeiro semestre de 2020. Decidi esperar essa situação tão imprevisível passar pra voltar a considerar me expor ao desconhecido.

No final de 2020, mesmo com receios devido à pandemia, mudei de casa, começando a construir meu lar. Quando a poeira da mudança começava a baixar, foi minha mãe quem “baixou” ao hospital. Foram os dois meses e meio mais intensos e exaustivos da minha vida, indo e voltando de Porto Alegre quase diariamente, tentando dormir em inúmeros quartos de alas diferentes, com monitores e aparelhos e bipes e sondas (e o emocional em frangalhos), até que veio a alta, no final de fevereiro de 2021.

Menos de meio mês depois, no dia 11 de março de 2021, quando minha mãe se encaminhava devagar para os primeiros passos rumo à reabilitação, quem nos deixou foi minha tia. Única irmã dela, além das saudades, nos deixou também dezenas de questões burocráticas a resolver, que só quem já passou por qualquer tipo de processo judicial ou de inventário pode compreender. Ainda lidamos com isso até hoje.

Em 2021, também tive que lidar com uma lesão na coluna, uma fratura no fêmur e uma pancreatite – e embora nenhuma dessas coisas tenha acontecido comigo,

todas me exigiram presença e responsabilidade por algum membro da família, quase sempre solitária. Como resultado, só consegui apresentar a pré-banca no final daquele ano, em novembro.

A partir de 2022, pude respirar um pouco mais leve. Com a maioria das coisas encaminhadas, pude me permitir retornar aos poucos para a minha vida. Me matriculei novamente no Estágio III, agora com a certeza de que seria presencial (e por vezes, desejei que fosse na modalidade EAD, pois facilitaria a logística para mim) e concluí o estágio no Ensino Médio no primeiro semestre do ano. Também consegui produzir mais alguns trabalhos que compõem essa pesquisa – na verdade a maioria dos trabalhos apresentados aqui - e voltei a realizar atividades das quais sentia falta e que me trazem bem-estar, como a natação.

E então, próximo ao final do ano, foi meu pai quem começou a dar sinais de que não estava bem. E em um intervalo de talvez dois meses, tivemos um tombo, uma internação e uma infecção por Covid-19. Reviver a rotina de visitas diárias numa UTI, que já tinha vivenciado com minha mãe, foi especialmente duro porque me vi novamente solitária num ambiente hostil. Dessa vez, com o agravante de não poder me aproximar fisicamente, dado o risco de contaminação. O final dessa história não é óbvio, mas também não é inesperado, considerando que falo de um homem para além dos seus oitenta anos, com alguns agravantes de saúde. Perdemos ele no dia 7 de dezembro de 2022.

Antes do ano finalizar, por incrível que pareça, ainda havia espaço para surgir outro problema, que viria a ser tratado (dessa vez, em definitivo) no final de janeiro de 2023. A suspeita, investigação e detecção de um seminoma – um tipo de câncer – que felizmente, acabou bem resolvida cirurgicamente. Mas não sem antes me trazer uma carga emocional muito grande para lidar, embora novamente não fosse eu a pessoa a ser atingida por esta questão de saúde.

Por fim, minha mãe foi contemplada para iniciar as terapias que aguardava há um ano na AACD (Associação de Assistência à Criança Deficiente, que apesar do nome, atende também adultos). Isso é extremamente positivo, pois o local tem profissionais muito capacitados, engajados e uma infraestrutura incrível. Lá, ela recebe o apoio e acolhimento de uma fonoaudióloga, uma psicóloga, uma fisioterapeuta e uma terapeuta ocupacional, além de uma assistente social. O único – grande – ponto negativo é que isso me exige disponibilidade de horários e disposição para ser a acompanhante de uma pessoa atualmente cadeirante, auxiliando-a em

todas as atividades necessárias durante – e entre – as terapias. Além de ser localizado em Porto Alegre, o que nos exige viagens longas para atendimentos breves. Ainda estou tentando me adaptar à essa nova rotina, encaixando os horários pra além das minhas demais atividades (em especial, meu emprego, que segue sendo um 12x36, agora diurno).

É por isso que coisas supostamente simples, como sentar e escrever um Trabalho de Conclusão de Curso, demoraram tanto tempo a acontecer. Por essa série de infortúnios acontecidos desde o início dessa graduação, mas acentuadamente a partir do final de 2020. Já se vão dois anos desse martírio, mas decidi colocar um ponto final e dar esta pesquisa por encerrada. Se não pelo objetivo de concluir a licenciatura, então por um desejo: o de encerrar uma pendência, que se torna cada vez mais difícil de sustentar conforme o tempo passa (e as responsabilidades se acumulam).

E cá estamos nós. Vamos ao que interessa.

## RESUMO

O texto apresentado é o resultado de uma pesquisa em Poéticas Visuais que vem sendo desenvolvida desde 2020. Os trabalhos são pinturas e desenhos sobre suportes reaproveitados, que surgem de uma seleção de imagens a partir de experiências vividas, além de pequenas crônicas, que trazem observações do cotidiano. Tais crônicas surgem no dia a dia, entre caminhadas para resolver perrengues dos mais diversos, turnos de trabalho, afazeres domésticos e o descanso merecido.

Palavras-chave: Pintura. Cotidiano. Observação. Processo. Reaproveitamento.

## SUMÁRIO

1 O registro a partir da observação.....	8
2 Limitações e regras (que eu mesma estipulei) .....	10
3 O reaproveitamento como suporte.....	14
4 A distribuição do espaço dentro do suporte.....	14
5 A escolha das imagens e técnicas.....	15
6 Um adendo: Lupita, a realização do sonho da “cachorra própria” .....	16
7 Materiais e técnicas.....	17
8 Sobre os materiais secos – a entrada da caneta Posca.....	17
9 A cor do suporte.....	18
10 Uma ironia: a liberdade através da limitação (de opções).....	20
11 Referenciais artísticos – o reaproveitamento e suas possibilidades.....	21
12 Ensaios escritos e mais alguns trabalhos.....	24
13 Considerações finais.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	42

## **1 O registro a partir da observação**

Antes do início da pandemia de COVID-19, era comum que carregasse comigo um caderninho, que cabia em qualquer uma das minhas mochilas ou bolsas, e uma caneta nanquim, meu material preferido para registros rápidos, já que não me permite o preciosismo de apagar e redesenhar. Não sei pontuar quando exatamente esse hábito começou, mas sei onde ele se consolidou: nas aulas de desenho do Bacharelado em Artes Visuais, no Instituto de Artes da UFRGS. A repetição da prática de desenhar a partir da observação nas aulas, fez com que este se tornasse um lugar confortável para mim.

Além disso, o desenho de observação nesses caderninhos (Figura 1) se tornou uma maneira de registrar meu entorno, contexto e detalhes da minha rotina. Em parte, era por isso que eu os carregava: folhear estes cadernos, mesmo antes de completamente preenchidos, é muito interessante pois me possibilita rever situações e momentos distintos da minha vida, lembrar eventos e lugares onde estive, sozinha ou acompanhada. São um recorte da minha rotina.

E então, a pandemia aconteceu. A partir de março de 2020, com o distanciamento social, as recomendações para evitar sair de casa e também com a questão de higienizar absolutamente tudo o que viesse da rua, carregar comigo um caderninho se tornou inviável. Então parei de fazer os desenhos de observação. A rotina também se tornara monótona ou repetitiva. Já não existiam mais as saídas para cafés com amigos, ou visitas à lugares novos que me permitissem observar e registrar. Todo o período do início da pandemia também foi estranho e carregado de incertezas, e dentro deste contexto, é difícil ter o ânimo de começar a criar algo.



Figura 1: Desenhos de observação. Nanquim e hidrocor sobre páginas de caderno, 2018 – 2019

## **2 Limitações e regras (que eu mesma estipulei)**

Para além do contexto pandêmico, eu também costumo me impor regras para uma infinidade de coisas. É muito comum que, ao criar um trabalho, eu tenha a ideia de que ele faça parte de uma série, e imediatamente estipule parâmetros que os demais trabalhos da futura série também terão de seguir (seja em relação ao formato, aos materiais utilizados, ao tipo de suporte, etc.). É como se minha criatividade estivesse condicionada a seguir determinadas diretrizes autoimpostas. O caderninho que eu carregava comigo pra todos os lugares era recheado de observações, feitas principalmente na rua. Quando a pandemia começou, faltavam três folhas para completar o caderno. No entanto, levei mais de três meses para desenhar qualquer coisa na primeira delas. Sentia que não tinha motivos interessantes para tal, já que estava seguindo a regra de registrar nele somente desenhos de observação de situações na rua. Eventualmente, essas três folhas foram preenchidas com um desenho de observação de meu companheiro, em casa; um desenho de uma cena da série que estava assistindo na época; e um desenho a partir de uma foto que tirei de um pássaro.

Com este caderno completo, queria iniciar um próximo, seguindo mais ou menos na mesma regra de preenchê-lo somente com desenhos de observação. Mas sem levar o caderno pra rua, quais seriam os sujeitos da minha observação?

Foi então que me voltei ao cotidiano doméstico, das coisas que me cercavam no momento e capturavam minha atenção: minhas plantas. A pequena muda de bergamota que eu estava transplantando; uma planta diferente que coletei numa ida ao mercado e se tornou objeto de estudo em casa; ou uma manga muito bonita que comprei na quitanda.

Para este caderno, que já nascia para mim com certa inferioridade, pois não registraria nada de “mais interessante do que coisas caseiras”, percebi que manter as mesmas regras quanto ao material de desenho – utilizando apenas caneta nanquim – só me limitaria mais. Então comecei a experimentar com outros materiais, mas logo de partida, já criei outra regra (é um pequeno vício): em cada página, usaria materiais diferentes para os desenhos. O primeiro desenho foi feito em grafite e aquarela, o próximo com canetas nanquim e marcadores à base de álcool, o próximo novamente em grafite e aquarela (mas com um preenchimento diferente do primeiro), e o próximo

diretamente com lápis de cor aquarelável. Ainda há outro desenho no caderno feito com grafite e marcadores à base de álcool, e outro que utiliza apenas caneta nanquim.

Alguns escritos começaram a surgir e acompanhar os desenhos neste caderno. Percebo que de início, as anotações junto aos desenhos eram pequenas frases identificando ou nomeando alguma característica do que foi representado. Posteriormente, se tornaram mais longas, quase investigativas acerca do objeto observado, e também mais poéticas.



Figura 2: Meus feijões, 2020. Lápis de cor aquarelável sobre página de caderno

Como exemplo, o texto dessa imagem (Figura 2) diz “pontos de vista apenas possíveis ao deitar na rede ou: fazer pausas e abrir espaço para o ócio criativo é importante. meus feijões, 28/11/20”.

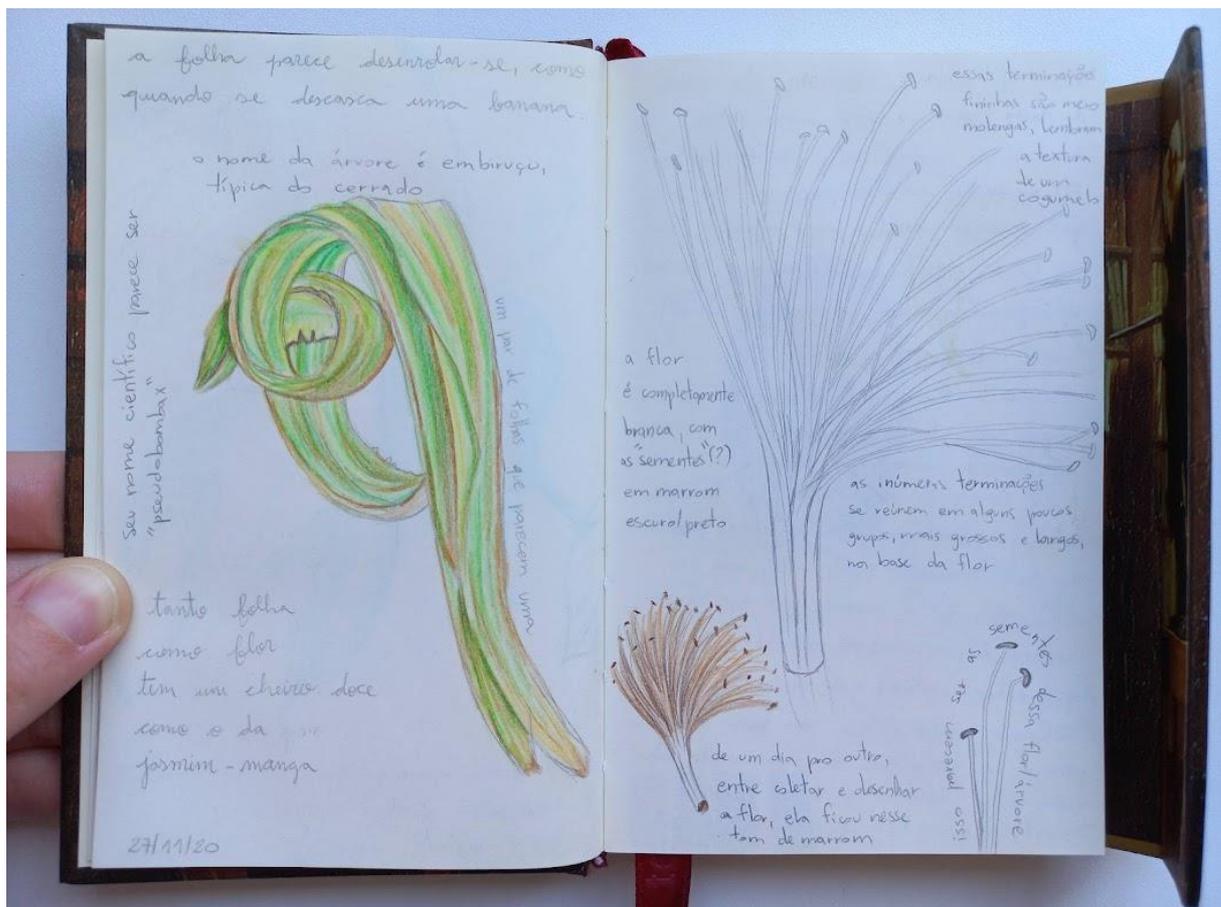


Figura 3: *Pseudobombax*, 2020. Grafite e lápis de cor aquarelável sobre páginas de caderno

Em *Pseudobombax* (Figura 3), os escritos remetem aos de um naturalista intrigado pela aparência de uma planta exótica, ainda desconhecida. São observações sobre a aparência, fragrância, textura e degradação da flor, ao observá-la de um dia para o outro. Era, de fato, uma planta desconhecida para mim até então, e essas anotações são fruto da minha curiosidade investigativa.

Já em *Ovo de Pomba* (Figura 4), o texto é narrativo da experiência:

“encontrei esse ovo ao longo da linha do trem, perto de uma coluna alta. Acredito que tenha caído de seu ninho. Fui na minha consulta pensando em voltar pelo mesmo caminho para juntar o ovo. De longe, ele parecia um pedaço de mármore, com um tom branco perolado, meio reluzente. Quando o peguei, estava coberto de formigas, que fui removendo uma a uma no caminho para casa com o ovo na mão. Como já vi ovos de rolinha, de sabiá e obviamente, de galinha, presumi que pelo tamanho esse ovo pode ser de pomba. É o maior ovo que já encontrei (e na verdade, também o único que achei inteiro – ou quase). O único porém é que era bem fedido... porque os resquícios do ovo ainda deviam estar dentro da casca. Era esse o trabalho que as formigas estavam fazendo. 01/12/2020.”

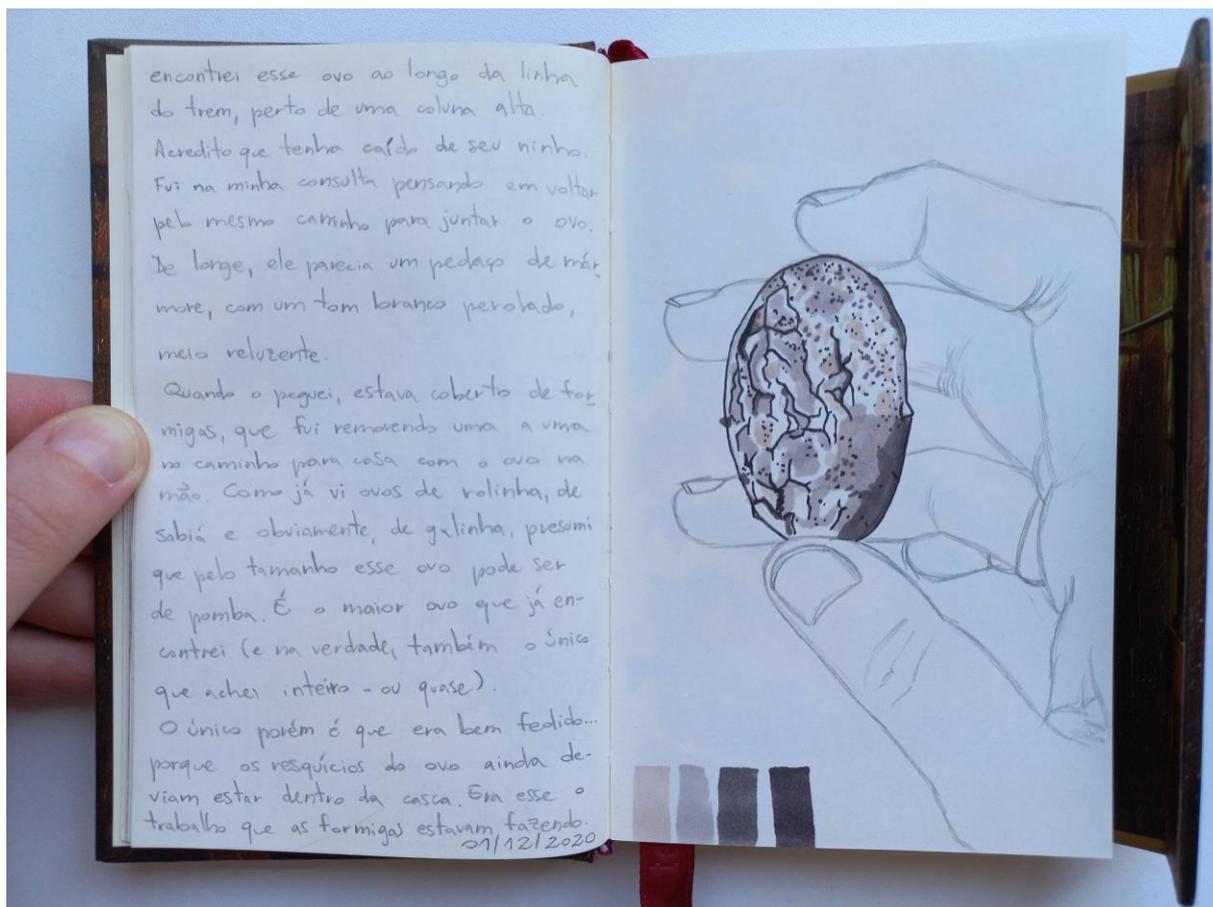


Figura 4: Ovo de pomba, 2020. Grafite e marcadores sobre páginas de caderno

Uma série de infortúnios aconteceram no final de 2020 e durante boa parte de 2021 (mencionados brevemente dentro do capítulo “Agradecimentos”). Com isso, não pude produzir muito e perdi o hábito e a prática da criação. Mesmo este caderno foi interrompido, sem novos desenhos.

Depois de passar meses sem tocar nos meus materiais, me sentia num certo “bloqueio artístico” e a aquarela, técnica com a qual geralmente trabalho, me parecia complexa para retomar depois de tanto tempo parada. Para além disso, tinha receio de desperdiçar materiais, como papéis de aquarela, com desenhos e pinturas dos quais não gostaria. Conversando a respeito nas reuniões de orientação, decidi experimentar com outros suportes, que por serem fruto de reaproveitamento, me dariam um desapego maior desde o início: embalagens de produtos, em papel ou papelão.

### 3 O reaproveitamento como suporte

Nestes trabalhos, opto por utilizar papéis de embalagens como suporte (o equivalente ao papel ou tela – a superfície que receberá o trabalho) para criação. São materiais ordinários, cujo destino seria o lixo (e assim espera-se, a reciclagem) caso não fossem guardados por mim com a ideia de utilizá-los. Assim, passei a reunir, aos poucos, embalagens primariamente de papel rígido, as quais procuro descolar e desmontar a fim de planificá-las. Esse acervo de embalagens reúne formatos, tamanhos e cores diversas, e as embalagens, em sua maioria, são de chocolates ou sabonetes. A escolha por esse tipo de suporte não vem por acaso: além da questão de um maior desapego durante a criação, me interessa pensar em maneiras de dar novos sentidos ou usos para materiais, especialmente aqueles de uso único, e sempre que possível, inspirar outras pessoas a fazerem o mesmo.

No meu breve período de estágio no Ensino Fundamental, trabalhei com as turmas a criação de gravuras ponta-seca a partir de caixas de leite, também fruto de reaproveitamento. No estágio no Ensino Médio, pude trazer a proposta de trabalho sobre as embalagens de caixas planificadas (Figura 5). Vejo a questão ambiental como cada vez mais presente e fundamental de ser pensada, especialmente pelas futuras gerações, e embora não acredite realmente que a responsabilidade individual vá resolver a questão climática (sem um grande movimento também por parte das indústrias), acredito ser importante que cada um faça sua parte e identifique meios para tal.

### 4 A distribuição do espaço dentro do suporte

Esclarecido isso, o formato do suporte também me permite organizações de trabalhos variadas. Até aqui, fiz experimentos com suportes de



Figura 5: Trabalhos realizados sobre embalagens pelas turmas do Ensino Médio, durante o estágio

diferentes tamanhos, e por vezes até associando duas embalagens para criar um suporte maior. Em alguns trabalhos, incluo o fundo; outros trazem a figura num fundo sem preenchimento, por vezes solitária ou acompanhada de alguma observação em texto. Comum a todos é a observação do que será registrado no suporte, seja esta observação fotográfica ou com o objeto diretamente à minha frente.

Nos trabalhos sobre o suporte embalagem, as observações em forma de anotação não são tão presentes quanto nos desenhos no caderno. Foi neste mesmo período que comecei a escrever os ensaios em texto, então em parte, essas observações textuais começaram a assumir outra forma a partir daqui, não necessariamente aparecendo junto dos trabalhos (ver Apêndice I – ensaios escritos).

## 5 A escolha das imagens e técnicas

O critério de escolha para as imagens parte do meu convívio diário. Sempre tive por hábito fotografar tudo aquilo que considero interessante (como alguém que



Figura 6: *Capturada*, 2021. Guache sobre embalagem,  
12 x 17,5 cm

nasceu na transição da câmera com filme para a câmera digital, tenho o costume de registrar tudo), e assim vou constituindo um banco de imagens que é repleto, em sua imensa maioria, de fotografias de plantas e de animais. Tenho, em minha sacada, uma série de cultivos pouco apropriados para um apartamento, como pequenas mudas de árvores frutíferas que fiz a partir das sementes das frutas que saboreei.

Gosto de acompanhar o crescimento destas, e por isso, tenho costume de registrar diversos períodos de desenvolvimento da mesma planta, quando o tempo assim me permite. Além disso, tenho também um grupo ávido de “clientes” que frequentam

a sacada: rolinhas (Figura 6), pardais e canários da terra, que alimento diariamente com uma ração que curiosamente se chama “pássaros livres” – pois é o que são e permanecerão sendo. Essas visitas diárias dos amigos com penas se tornaram um deleite e geraram, também, uma série de fotos para este banco de imagens.

## 6 Um adendo: Lupita, a realização do sonho da “cachorra própria”

No último dia de abril de 2022, exatamente uma semana depois do meu aniversário, um novo ser começou a fazer parte dos meus dias (e por consequência, de muitas fotos do meu acervo pessoal): uma cachorra quase que inteiramente preta, com poucos detalhes em castanho, um sorriso de quem não visita o dentista há um longo tempo, e a disposição e energia de um filhote, apesar de beirar os sete anos de idade. Dei a ela o nome de Lupita (Figura 7).

Cabe ressaltar que, apesar de ter convivido com cães (e os adorados) por toda a vida, Lupita é a minha primeira experiência de “ter” de fato um cão, aos meus trinta e dois anos. Mesmo sabendo muito a respeito deles, por prática, por interesse, por leituras e por conteúdos que consumo, ter um cão em casa é totalmente diferente de conviver esporadicamente com os cães de amigos e familiares. A convivência traz seus desafios e perrengues, além das responsabilidades já esperadas, mas agora,



Figura 7: *Jururu (Lupita de touquinha)*, 2022. Caneta Posca sobre embalagem de fondue de queijo, 27 x 33,5 cm

completando quase um ano de sua chegada, só posso concluir que adotar Lupita foi uma das melhores decisões que já tomamos. Sinto que não existe “âncora” mais eficaz com o tempo presente do que conviver com um bichinho: suas necessidades

são imediatas, suas preocupações são com o agora e a atenção que eles demandam está no aqui. E o contato com um ser peludo, cômico e de personalidade forte, que resmunga se não lhe deixam subir na mesa para roubar um pão, por exemplo, traz um bem-estar emocional imediato.

## 7 Materiais e técnicas

Quanto à técnica utilizada, partindo do mesmo princípio da tentativa de desapego que me levou a utilizar as embalagens como suporte, também não quis me limitar em relação a técnicas e materiais. Experimentei sobre os suportes com guache, tinta acrílica PVA, grafite, marcadores e lápis de cor aquarelável (Figura 8), de início.



Figura 8: *Goiabeira*, 2021. Lápis de cor aquarelável sobre duas embalagens de chocolate, 22 x 40 cm

A escolha do material a ser utilizado sobre o suporte vem da vontade de experimentação e também parte do que será observado, considerando os materiais disponíveis. Se o desenho será de uma planta com muitas variantes de verde, opto pelo lápis de cor, por exemplo, onde já tenho uma variedade maior de tons. Tenho preferido os materiais secos ultimamente, já que o tempo e o foco disponíveis para os trabalhos nem sempre são longos.

## 8 Sobre os materiais secos – a entrada da caneta Posca

Considerando o pouco tempo disponível e minha dificuldade cada vez maior em sentar à mesa para criar, passei alguns meses sem desenvolver nada novo. Tinha para mim que precisava aguardar a “condição ideal” para conseguir produzir novos trabalhos. Ao longo do tempo e depois de muitas conversas (e algumas vivências, que também reiteraram isso), fui percebendo que a condição ideal - onde tenho tempo livre, disposição para trabalhar

nas artes e o local adequado para escolher o tipo de material livremente – talvez nunca venha a acontecer.

Pensando nisso, percebi então que o fato de meus suportes atuais serem embalagens faz com que eles sejam muito leves e também quase nada espaçosos de se carregar por aí, se estiverem planejados. Então, comecei trazendo alguns deles para meu local de trabalho, e durante os intervalos, aproveitava pra rabiscar e criar alguma coisa sobre eles. Sabia que queria aumentar o volume (em quantidade) dessa produção, e ao mesmo tempo, experimentar com um material novo que tinha adquirido recentemente: as canetas Posca, com tinta líquida em seu interior, muito utilizadas para desenhar em qualquer tipo de superfície. Unindo o útil ao agradável, passei também a trazer as canetas comigo para o trabalho, onde as usava para desenhar e pintar sobre os suportes em papelão.



Figura 9: Conjunto de trabalhos sobre embalagens até 2021, antes da entrada da caneta Posca

## 9 A cor do suporte

A partir da entrada das canetas, algo que até então ainda não me era evidente foi aparecendo junto com os trabalhos. Como a gama de cores de caneta que possuo é um tanto limitada, e ainda inclui várias cores em tom pastel, ao riscar com as mesmas sobre as embalagens brancas que me acostumei a usar, percebi que

algumas das cores mais suaves praticamente sumiam em meio àquele fundo branco. E assim, inicialmente sem perceber, comecei a preferir as embalagens que tinham algum tipo de cor que não o branco de fundo.



Figura 10: *Bem-te-vi*, 2022. Caneta Posca sobre embalagem de creme dental, 22,3 x 17,6 cm

É um detalhe trivial, mas que talvez passe despercebido por quem compra as embalagens meramente como invólucro de um produto. Até então, além de branco, encontrei embalagens com o interior em ocre (similar à cor do papelão comum), marrom, marfim, cinza e até mesmo preto. Os tons mais escuros de marrom são os que mais me agradam para trabalhar com as canetas, talvez por evidenciarem as tonalidades mais suaves da caneta, ou talvez pela menor necessidade que sinto em trabalhar algum tipo de “fundo” para a imagem, quando o suporte é mais escuro. Acho que outro fator que impacta na escolha é o fato desses tons de marrom me parecerem mais próximos de cores que encontramos na natureza, então os elementos que opto por retratar sobre eles – plantas e animais, em sua maioria – se sentem em casa quando colocados sobre esses tons.



Figura 11: *Lupita cochilando*, 2022. Caneta Posca sobre embalagem de creme dental, 25,3 x 17,3 cm

### **10 Uma ironia: a liberdade através da limitação (de opções)**

Além da percepção quanto à minha preferência pelas embalagens de tons mais escuros, vejo que limitar a gama de materiais me fez trabalhar de maneiras diferentes sobre os suportes. Já que todos eram embalagens, e eu só tinha comigo no trabalho as várias cores de caneta Posca (em torno de 30 tons, estimo), pude experimentar maneiras diferentes de combinar esses materiais. Em *Lupita cochilando* (Figura 11), utilizei cores diferentes das usuais (notadamente, substituindo tudo o que seria preto por roxo) para representá-la, além de preencher as áreas com pequenos traços espaçados ao invés de uma abordagem em que preencheria o espaço por completo com a tinta da caneta.

Já em *Tortinha de Morango* (Figura 12), o próprio doce foi representado de maneira mais similar à que se trabalha quando se utiliza tinta, sobrepondo cores de caneta com outras cores enquanto a camada anterior ainda estava úmida, criando assim misturas de tons e enriquecendo o efeito de profundidade.



Figura 12: *Tortinha de morango*, 2022. Caneta Posca sobre embalagem de chocolate, 20,5 x 22 cm

## 11 Referenciais artísticos – o reaproveitamento e suas possibilidades

Todos os artistas utilizados como referência para esta pesquisa foram escolhidos devido ao tipo de suporte utilizado por eles - caixas e embalagens de dimensões e formas variadas – independente do uso propriamente dado a estes materiais. A similaridade se encontra no suporte escolhido para a execução dos trabalhos.

Como exemplos de artistas que foram tanto referência para minha pesquisa quanto para o planejamento das aulas do estágio no Ensino Médio, é possível citar

Carlos Asp, que também usa as caixas como suporte para desenhos e pinturas (com o diferencial de que este trabalha com formas, e não com representação); Jac Leirner, que trabalha com conjuntos de embalagens formando pequenas coleções a partir destes materiais; e Lúcia Koch, que utiliza as caixas como simulacros arquitetônicos, posicionando-as de maneira que a luz incida em seu interior e então fotografando-as, remetendo à visuais que encontramos especialmente na arquitetura moderna.



Figura 13: Detalhe de trabalho de Carlos Asp

Quanto à forma de exposição dos trabalhos, ao longo dessa pesquisa elenquei algumas possibilidades para tal. Quanto mais a quantidade de trabalhos aumentava, menos fazia sentido que os mesmos fossem emoldurados para sua apresentação. Sei que a moldura daria aos trabalhos um refinamento maior, mas ao mesmo tempo, ela também faria com que perdessem características próprias e únicas, em especial, a mais importante delas: o formato não usual do suporte reaproveitado.

Na Figura 14, foto de uma exposição de Carlos Asp, podemos ter uma ideia de como ficariam os trabalhos desta pesquisa caso a opção fosse emoldurá-los. Além de subjugar o formato único de cada embalagem às limitações de uma moldura de contornos quadrados ou horizontais, emoldurar os trabalhos também tira deles a possibilidade de jogo na montagem, ou a possibilidade de alternar a posição e encaixes entre os trabalhos e com isso, construir novas relações.



Figura 14: *Campos relacionais e outros*. Carlos Asp. Desenhos sobre embalagens, desenhos sobre papel, desenhos sobre tela, gravura em metal e litogravura, 1992-2019.

A justaposição ou agrupamento dos trabalhos segue sendo a melhor solução para exposição até aqui. Parte da influência veio após ver a montagem do trabalho abaixo, de Julia Debasse e Carol Dantas, executado também sobre suportes reaproveitados, especificamente, papelão (Figura 15).



Figura 15: *Caatinga*, 2021. Julia Debasse & Carol Dantas - Acrílica sobre papelão, 167 x 121 cm.

Uma alternativa de apresentação dos trabalhos seria a criação de uma espécie de catálogo, furando os suportes para permitir sua organização dentro de um arquivo. Apresentá-los desta forma possibilitaria o teste de outras maneiras de organização, alternando a ordem de visualização dos trabalhos a partir da troca de lugar entre trabalhos no arquivo, ou mesmo da supressão de algum trabalho específico dentre os que estão no arquivo.

Outro modo de exibição possível seria fazer pequenos furos no topo das embalagens, para que os trabalhos fossem expostos pendurados por fios de *nylon* ao teto do espaço expositivo, permitindo assim a circulação de expectadores no entorno das embalagens e entre as mesmas. Desta forma, seria possível visualizar frente e verso de um mesmo trabalho, ressaltando o caráter de reaproveitamento e sanando a curiosidade de quem fica imaginando qual o produto que originou aquela embalagem. Estas são possibilidades para pensar em uma continuidade desta pesquisa.

## **12 Ensaios escritos e mais alguns trabalhos**

Abaixo, reúno alguns ensaios escritos, feitos a partir da observação do cotidiano, como os desenhos e pinturas, e que constituem parte desta pesquisa. Também estão neste item os demais trabalhos não citados diretamente no texto, mas que constituem parte desta pesquisa. Cada ensaio está separado do próximo por uma linha, como esta abaixo.

---

*01/10/2021, sexta - no trabalho*

Hoje pela manhã, enquanto subia a lomba a pé no caminho para o trabalho, encontrei um ovinho. Na verdade, meio. Ele é perfeitamente branco, num tom fosco, e parece ser mais maleável do que um ovo de galinha. Em tamanho, é pouco menor do que um ovo de codorna. Sei que a curiosidade vai me levar a pesquisar de qual ave pode ser, e meu palpite principal é de que seja de uma rolinha.

Ao pensar em escrever sobre isso, refleti sobre a curiosidade, e em como ela é uma característica facilmente associada ao infantil. Aprendi há algum tempo a

ignorar o que os outros vão pensar de determinada situação fora do padrão esperado - como parar para juntar meia casca de ovo da calçada - mas não significa que eu não saiba que isso soa estranho. Penso que atribuímos esse olhar de interesse pelas coisas banais às crianças, e que a maior parte disso fica pra trás quando crescemos e entramos numa rotina de vida adulta. Mas esse olhar ficou em mim, e constantemente me sinto atraída pelo detalhe. Há uma preciosidade na delicadeza desse ovo, de ver como ele é minúsculo entre meus dedos e imaginar o tamanho diminuto do ser que nasceu dele. Torço que este esteja vivo e bem, e que chegue na idade adulta - há um percentual bem elevado de pássaros que não chegam a crescer. Assim como há um grande número de humanos que crescem e esquecem de que um dia também foram crianças curiosas.



Figura 16: *Rolinha*, 2021. Tintas acrílica e PVA sobre embalagem, 20 x 21 cm.

---

05/10/21, terça - no trabalho - **Sunny days brighten my mood\***

Os pássaros fazem alongamento.

Todos os seres alados e "plumados" que tive a oportunidade de observar por tempo o suficiente - as aves - se alongam. Começa com uma das asas sendo aberta e completamente esticada pra trás, geralmente acompanhada do pézinho que faz parzinho com aquela asa. Digamos, asa e perna esquerda. Após esticar completamente os dois membros pra trás, a ave traz a asa de volta e a fecha, e o pé volta a fechar em círculo em torno do fio de luz. Aí vem a vez do outro lado do corpo ser esticado, da mesma maneira, asa e perna - isso se não tiver aí no meio uma interrupção pra catar uma pulga ou ignorar um pretendente insistente. (eu me interrompo, tal qual ave, e procuro no Google se aves tem pulgas. Tem. Também busco a diferença entre pássaros e aves, e descubro que todo pássaro é ave, mas nem toda ave é pássaro).

Volto. Esse revezamento de asa/perna de um lado e de outro acontece por um simples motivo: um dos pés precisa sustentar o pequeno corpo sobre o fio, ou sobre o chão, ou sobre onde ele estiver. Questão de equilíbrio.

Outra modalidade de alongamento trabalha as duas asas juntas, mas de outra maneira: o pássaro (descobri que este termo é mais adequado) levanta as duas asas fechadinhas acima do nível da cabeça, às vezes abaixando também a cabeça no processo para um melhor alongamento. Mantém a posição por alguns segundos, e volta a fechar as asas junto ao corpo. E o mesmo pássaro pode ser observado fazendo os dois tipos de alongamento, mais de uma vez dentro de um mesmo dia.

Resumo da história: até os pássaros se alongam, mas eu não consigo encaixar três minutos diários na minha rotina.

Depois de observar as pombas, voltei do intervalo e fui imediatamente alongar o ciático.

(na tradução, *\*dias ensolarados iluminam meu ânimo*)



Figura 17: *Rama de batata-doce*, 2021. Lápis de cor aquarelável e marcadores sobre embalagem, 12,7 x 19 cm.

## **Uma felicidade empática – 20/10/21**

*Ou os altos e baixos do emocional, num dia aparentemente ordinário*

Esses dias, no horário do meu intervalo, combinei de visitar minha mãe. Ela mora perto do meu trabalho, atualmente, e em uma hora consigo bater ponto, caminhar até o local, visitar ela brevemente, caminhar de volta e bater ponto mais uma vez.

Nesse dia em especial, eu levava um pote com pedaços de uma cuca pro lanche da tarde dela. E enquanto caminhava, ainda dentro do pátio da empresa, reparei que um quero-quero bem enfezado e abaixado vinha caminhando na minha direção. Ele dava alguns passos, soltava um "qué", parava, dava mais alguns passos, e repetia esse ciclo. Sempre abaixado, uma posição diferente da comum pra esse pássaro (que sempre para ereto e imponente).

Não entendi muito bem o que o quero-quero queria-queria me dizer, e passei por ele. Pouco mais à frente, no entanto, vejo um segundo quero-quero, à direita. Esse, que também soltou um "qué" de aviso ao me ver, estava sentado na grama. E levantou à medida em que eu seguia minha caminhada em direção a ele. A surpresa que me arrancou um sorriso imenso por baixo da máscara foi ver que, ao levantar, um outro parzinho de pernas saiu de baixo dele (ou dela?). E ele largou mais um "qué" de aviso, como quem diz "ó, te liga, meu filho" e com esse aviso, o filhotinho minúsculo, mas já muito esperto, saiu correndo e se escondeu atrás da mureta baixinha que delimita o entorno de uma árvore no pátio. Eu segui minha caminhada, agora já me afastando da família de quero-quero, e ao olhar pra trás, vi a cabecinha do filhote levantando por trás da mureta e me olhando. Ao ver que eu o olhava, se abaixou novamente pra se esconder. Ri sozinha da esperteza (e da curiosidade) do pequenino.

Ele, como os pais, tinha a barriga bem branquinha. A parte superior do corpo ainda apresentava uma penugem mais delicada e uma série de pintinhas brancas entre as penas marrons, características que ele logo vai perder à medida em que envelhece e amadurece.

Segui a caminhada rumo ao encontro da minha mãe pensando nessa história e em como contaria pra ela, ao chegar. A história que me aqueceu o coração naquele dia até então monótono era, para mim, muito importante. Mas aí fui invadida por uma série de pensamentos bem negativos, me dando conta de que a atenção da minha

mãe já não é mais a mesma que ela tinha ao ouvir uma história. Pensei também que provavelmente, enquanto eu contasse, ela talvez divagasse e não desse a mesma importância que eu dei pra esse caso aparentemente banal. E esses pensamentos me machucaram. Percebi, refletindo a respeito, que me faz falta perceber nela o brilho no olhar, do encantamento de quem consegue ficar feliz por saber que quem conta também ficou feliz de ter vivido aquilo. Uma felicidade empática.

Seguindo nas percepções, percebi que tenho vivido como se fosse uma roleta de altos e baixos. Um evento corriqueiro (a família de quero-queros) tornou meu dia muito especial, mas minutos depois, lá estava eu descendo a montanha russa e pensando em como tanta coisa se perdeu e em como sofro com isso.

Se posso ser positiva, tenho um final feliz: quando finalmente encontrei minha mãe, e conversamos um pouco, eu contei a história da família com o filhotinho. E ela riu da audácia do filhote em me espiar de trás da mureta, assim como da minha imitação do quero-quero que andava corcunda e tentava me ameaçar, protegendo sua prole. E ao voltar caminhando, mais uma vez, pro trabalho, sorri pensando nisso tudo.



Figura 18: *Flor do campo*, 2021. Lápis de cor aquarelável sobre embalagem, 20,3 x 21,8 cm.

21/10/21, quinta - manhã

Mais um dia chegando no trabalho. Fazendo o mesmo caminho que me rendeu o encontro com a família de quero-queros, hoje passei pela mãe (pai??) sentado próximo do mesmo local. E hoje o filhote já estava caminhando mais longe de seu genitor, subindo o morro coberto com grama. Eis que... o adulto, que estava sentado larga seu "qué" ameaçador e se levanta. E de baixo dele, sai outro parzinho de pernas! Como num dejavu, uma repetição da cena que vivenciei no outro dia, descubro que o filhote na verdade são dois. E ao olhar para o entorno de onde a família estava, percebo um terceiro serzinho correndo de perninhas apressadas. Três! Que surpresa agradável. Eu bem que tinha estranhado essa família de filho único. Eles, no entanto, não gostaram da minha presença. Pra variar.



Figura 19: *Gato grafiteiro* (em processo), 2021. Grafite e tinta PVA sobre embalagem, 21,8 x 20,3 cm

11/04/22 – registro após uma proposta de atividade com os alunos do ensino médio

Querido diário,

A gente sabe que a proposta deu MUITO certo quando tem alunos subindo em cima das mesas pra tirar foto do resultado do que eles construíram coletivamente, porque ficou muito interessante e eles querem compartilhar isso.

Ainda mais quando isso acontece na turma da qual todos os professores reclamam (e na qual, semana passada, eu também penei um tanto pra lidar com eles).

E mais ainda, quando a turma toda engaja e pega junto, cuidando cada detalhe da execução: "peraí, essa mochila aqui não tem a cor tão parecida quanto a outra pra fazer o degradê", ou então "não, essa parte da espiral tá muito menor que a outra, tem que ajeitar" e seguem arrumando com cuidado, bem criteriosos. Pra além disso, hoje eu recebi meu primeiro desenho feito por um aluno  junto do desenho, no cantinho de baixo, tem uma declaração do aluno pra uma colega: "eu amo a Amanda :3", o que a meu ver de certa forma resume um pouco dessa fase doida que é a adolescência.

Disse pra ele que achei muito legal, perguntei se eu podia ficar com o desenho, e ele respondeu "óbvio, né sora". E aí pedi pra ele assinar, porque gosto de guardar essas recordações e ser capaz de me lembrar, daqui 1 ou 10 anos, que esse momento me marcou de alguma forma.

Eu vou e volto nessa relação de amor (e às vezes de ódio) com a docência, que eu ainda não sei se vai um dia se tornar o meu futuro ganha-pão. Mas essa mudança de currículo que aumentou a carga horária das licenciaturas e nos obrigou a fazer estágio tanto no fundamental quanto no médio serviu pra me mostrar que, pelo menos até que se prove o contrário, lidar com alunos um pouco mais velhos e maduros parece ser mais a minha praia  mesmo que, ao mesmo tempo, por vezes me faça sentir como a tiazona no meio dos "xóvens" kkkk

---

**Sobre samambaias** - 16/07/22

Esse tipo de planta cresce com a maior facilidade em qualquer canto, fresta ou rachadura de concreto que tenha uma umidade mais ou menos constante, e que seja relativamente abrigada do sol.

Samambaias são plantas de mata fechada, que as protegem do vento e da luz solar direta. Como se dão muito bem nesses ambientes com alta umidade, faz sentido que as florestas sejam seu local preferido. Na falta destas, elas foram se adaptando nas cidades.

Meu hobby mais recente é andar pelos meus trajetos habituais observando onde brotam as samambaias, e qual o tipo de folha delas (porque ainda não sei o nome de nenhuma espécie). Algumas eu recolho e trago pra casa, pra plantar em vasilhos.



Figura 20: *Pós-operatório (Lupita de roupinha cirúrgica)*, 2022. Caneta Posca sobre embalagem de rolinhos de wafer sabor baunilha, 21 x 21 cm

13/08/22 – observação enquanto segurava uma mariposa na minha mão

A natureza é composta por uma série de delicadezas. Basta ter o olhar atento aos detalhes ♡



Figura 21: *Frufru*, 2022. Caneta Posca sobre embalagem de sabonete vegetal, 19,5 x 14 cm

---

### **Pássaro sem ninho e ninho sem pássaro - 07/11/22**

O olhar atento não desliga nunca, mas acontece dele não captar nada fora do ordinário. Hoje o dia começou com vários achados: desde uma moeda de um real no ônibus até um ninho de pássaro, perfeitamente redondo e bem construído, que estava no meu caminho num trajeto que costumo repetir várias vezes. Ali, sozinho e vazio, caído na calçada, ele perdia seu significado. Não me impediu, no entanto, de imaginar as histórias que passaram por ali antes da queda. Pensei numa família de sabiás, com seus ovos azuis de pintinhas pretas, ali depositados e cuidados com toda a dedicação até os primeiros vôos certos. Quando o ninho fica vazio, a casa se torna leve, e

pega carona na primeira lufada mais forte de vento. Com isso, abre espaço para o novo: a próxima família que provavelmente ocupará o mesmo espaço privilegiado naquele galho de árvore que um dia foi lar para esta que seguiu seu rumo.

Não bastasse o ninho, pouco tempo depois encontrei esse jovem, por acaso também um sabiá. As pessoas já sabem que eu gosto dessas coisas e me avisam dos achados; o par de olhos atentos que primeiro o viu não foi o meu, mas esse mesmo par de olhos me contou onde ele estava, porque sabia que eu ia achar muito interessante. Ele estava ali, escondido, perdido ou descansando, não sei dizer ao certo. É ainda um adolescente, quase adulto, mas ainda com uma carinha de quem passa por apuros ao tentar se virar sozinho. Fiz os registros, ele se assustou, arriscou um voo, e foi voando pra longe em etapas cortadas. Observei esse deslocamento. Dessa vez, quem ficou com o ninho vazio fui eu.

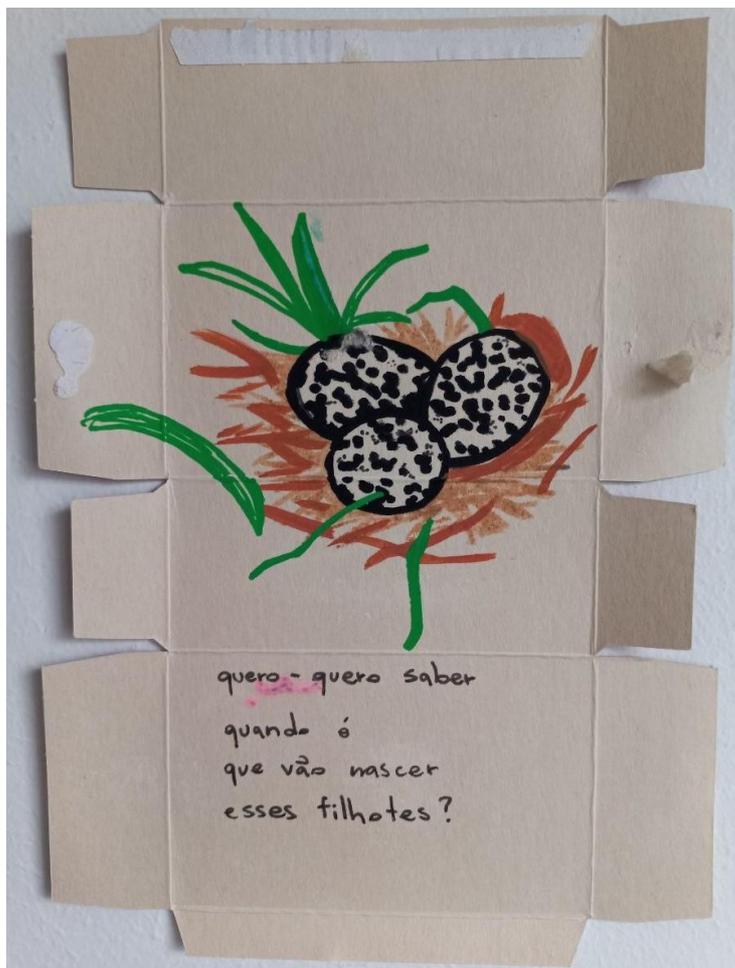


Figura 22: *Quero-quero saber*, 2022.  
Canetas Posca e nanquim sobre  
embalagem de sabonete vegetal, 14  
x 19,5 cm

04/03/23, Da beleza do cotidiano - minhas plantas (e algumas reflexões pessoais a partir disso)

Quando consigo, nos meus dias de folga, tenho observado mais atentamente cada vasinho, tentando dar a eles atenção individual. Hoje foi o dia de adubar um pé de bergamota (com meia colherinha de adubo para samambaias - já que enfim, ele tem os mesmos elementos químicos de outros adubos e é o adubo que eu tenho em casa). E depois da adubação, dei um banho em cada folha,



Figura 23: *Milkshake ou muda de amora?*, 2022. Tinta acrílica e caneta nanquim sobre embalagem de chocolate, 20 x 21 cm

individualmente, pra tirar a fuligem e o pó e melhorar o processo de fotossíntese da planta. Coisas que eu fui aprendendo com vídeos, aos poucos, nesse processo de gostar cada vez mais dos seres verdes.

Digo que estou ~tentando~ porque o ritmo é lento, nem sempre sobra tempo, tarefas domésticas e funções de terceiros me ocupam bastante. E quando sobra tempo, também tenho outras prioridades - tentar nadar, tentar encontrar amigos, tentar várias coisas. Hoje mesmo ainda disse pro Marcelo que se eu conseguir olhar e dar um trato em uma planta por semana, já tá ótimo. É isto.

O cuidado pode se manifestar de muitas formas, e em mim, vejo que ele sempre se projeta para o outro. Eu já sei o que fazer, na teoria, mas na prática, ainda não sei aplicar essa teoria pra cuidar melhor de mim. Sigo tentando. Por enquanto, vou cuidando de muitos.



Figura 24: *Sem título*, 2022. Caneta Posca sobre embalagem de hambúrguer sabor defumado, 29,7 x 35 cm



Figura 25: *Muda de alecrim*, 2022. Caneta Posca sobre embalagem de torta marta rocha, 31,5 x 51,8 cm



Figura 26: *Doga Yoga* (em processo), 2022. Tinta acrílica e caneta Posca sobre embalagem de sucrilhos, 40 x 57 cm



Figura 27: *Energia caótica & ansiosa*, 2023. Caneta Posca sobre embalagem de bombom com pedaços de castanha de caju, 29,7 x 27,3 cm

### 13 Considerações finais

Depois de passar um tempo considerável cercada de caixas de diversos produtos, acho que pode ser interessante registrar aqui algumas possibilidades a partir desse material que descobri ser tão rico.

Algo muito simples, mas que a falta de tempo não me permitiu experimentar, seria desenhar/pintar diretamente sobre a face impressa da caixa, a que identifica qual foi o produto consumido. Penso que um trabalho executado desta maneira poderia trazer novas questões, evidenciando também questões de consumo, para além da arte, e tornando o fundo impresso (geralmente, bastante colorido) parte integrante da

futura obra, promovendo até mudanças nas escolhas pela paleta de cores a ser trabalhada, a partir da cor de fundo.

Composições e colagens com diversas caixas, de tamanhos diferentes ou não, gerando novos formatos de suportes, também podem ser algo interessante a ser experimentado, especialmente como superfície de trabalho.

Outra solução simples e alternativa à questão de apresentação/moldura seria planificar a caixa, desmontando-a, e montar a mesma de forma tridimensional novamente, mas desta vez com o avesso para o lado de dentro e os lados lisos para fora. Desta forma, se consegue uma superfície limpa de trabalho e com certa tridimensionalidade, permitindo que o mesmo trabalho seja pendurado facilmente na parede depois. Seria como inverter a caixa, transformando-a em um objeto com o formato de uma moldura, porém repleto de possibilidades para a criação.

Ao longo dessa pesquisa, vi muitas ideias criadas a partir de caixas por outras pessoas na internet. Em especial, gostaria de destacar os trabalhos de Cheryl Cochran (Figura 28), que recorta caixas de papelão em variados formatos, e a partir delas, cria figuras de pombos. Ela utiliza fotografias de seu próprio banco de imagens para pintar as variações de cores e padrões desses pássaros tão diversos, e através da sobreposição de



Figura 28: Cheryl Cochran (@Cardboardsea) no Instagram (disponível em <https://www.instagram.com/p/CU2StmfqooR/>)

camadas de papelão, obtém profundidade nas figuras. Acho esse trabalho sensacional por diversos motivos: por ser relativamente simples em sua execução, pela possibilidade que abre para explorar ideias similares com os alunos e pelo aspecto lúdico e divertido de suas figuras, tais quais os próprios pombos.

Dentro do que o tempo e as circunstâncias (por vezes incontroláveis) da vida me permitirem, pretendo dar continuidade na criação dos trabalhos sobre este tipo de

suporte. E certamente, se a docência vier a fazer parte da minha vida, trabalharei com as caixas com meus futuros alunos. Afinal, ainda há muito o que desdobrar pela frente!

E pensar que resolvi começar a usar esse material porque precisava desapegar um pouco do perfeccionismo e do receio de desperdiçar um material nobre.

Pelo visto, deu certo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Brasil: Revista Brasileira de Educação, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>

BULCÃO, Marly. Bachelard: a noção de Imaginação. In: **Revista Reflexão**. Campinas, n. 83/84, p. 11-14, jan./dez., 2003

CALVINO, Ítalo. **Palomar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HERNÁNDEZ, Fernando. Três projetos de trabalho para a compreensão da cultura visual. In: \_\_\_\_\_. **Cultura visual, mudança educativa e projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000, p. 175-195.

LANCRI, Jean. **Modestas proposições sobre as condições de uma pesquisa em artes plásticas na universidade**. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (org). O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em arte. Porto Alegre: Ed. Da Universidade, 2002, p. 17-33

LOPONTE, Luciana. “Saiba o que ensinar em arte agora, pergunte-me como” ou dos caminhos possíveis a seguir. In: ICLE, Gilberto. **Pedagogia da arte: entre-lugares da escola**. Volume 2. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012, p.41- 56.